

Impacto do modelo *Fénix* no desempenho académico dos alunos: análises complementares ao estudo de avaliação dos modelos Mais Sucesso Escolar

José Verdasca, 2015

"(...)

Por outro lado, estas perceções do trabalho dos professores e dos alunos encontraram correspondência nos resultados obtidos pelos agrupamentos de escolas ao operacionalizar o projeto *Fénix* em 2013/14. Utilizando uma abordagem próxima de modelos de *avaliação de impacto ex-post* e integrando variáveis de resultado como as classificações internas, os níveis de absentismo e, nos casos dos anos de escolaridade em final de ciclo, as classificações obtidas nas provas finais externas, combinadas com variáveis de contexto, como as características sociodemográficas dos alunos, concluiu-se que as taxas de transição/conclusão em 2013/14 das escolas *Fénix* apresentavam valores superiores aos nacionais do 2.º ao 9.º ano de escolaridade (Verdasca, *et al.*, 2014, p.32)¹, o que denota, de algum modo, a sustentabilidade e eficácia do suporte oferecido aos alunos em grupos de recuperação e de desenvolvimento das aprendizagens (Figura 1).

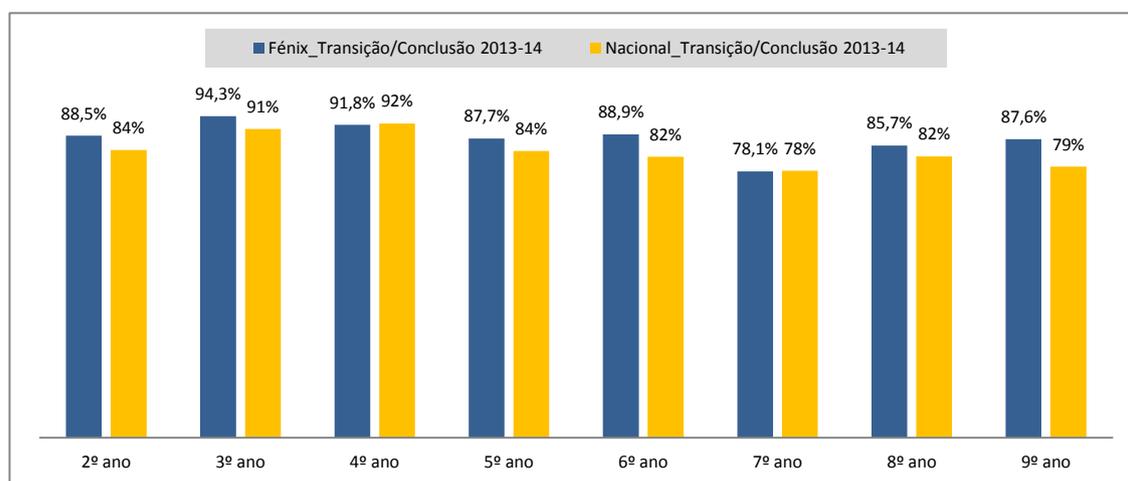


Figura 1: Comparação das taxas de transição/conclusão *Fénix* e Nacional em 2013/14.

Recorrendo à técnica da composição de perfis de modo a constituir unidades de observação compósitas de características contextuais análogas a partir dos elementos categoriais das variáveis género, habilitação académica dos pais e apoio social escolar ($P=G \times HP \times ASE$) de turmas que adotaram o modelo *Fénix* e de turmas que não adotaram este modelo, foram constituídos 30 perfis em cada um dos subgrupos amostrais *Fénix* e *Não Fénix*, num total de 60 perfis (unidades de observação). A partir do cruzamento das médias dos resultados obtidos em cada um dos perfis na avaliação interna do 1.º período e na avaliação externa do final do ano letivo (prova externa final de ciclo), projetou-se a posição relativa de cada perfil no diagrama de dispersão (figura 2).

¹ Verdasca, J., Fialho, I. Cid, M. e Tobias, A. (2014). Estudo de avaliação dos modelos Mais Sucesso Escolar. Évora: CIEP-UE (polic.).

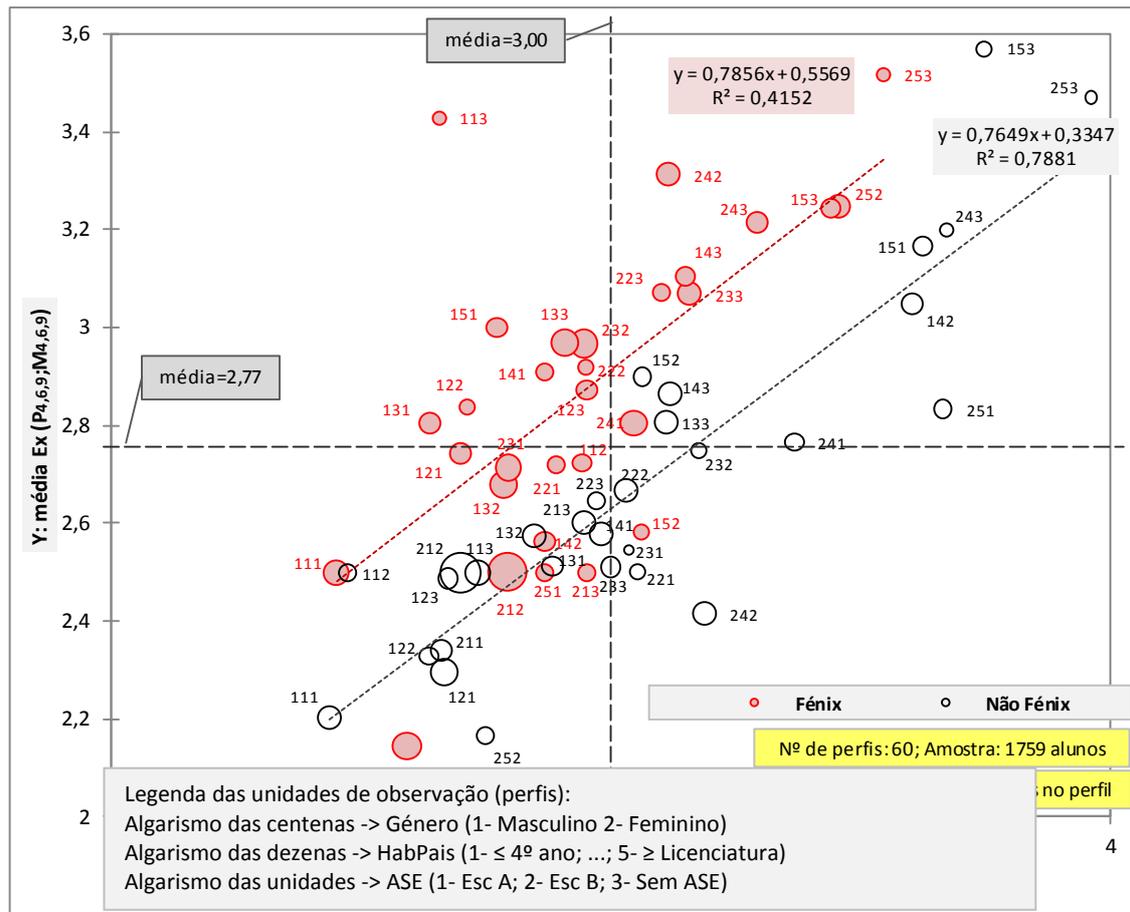


Figura 2: Diagrama de dispersão da evolução dos resultados académicos do 1.º período para a prova final de ciclo por perfil

Os dados exibidos mostram a existência de correlações significativas entre os resultados obtidos nos dois momentos, com coeficientes de determinação elevado e moderado, respetivamente para o grupo *Não Fénix* e para o grupo *Fénix*, denunciando, em especial no primeiro caso (perfis *Não Fénix*), a elevada explicação das variações das médias dos resultados dos exames finais de ciclo pelas médias dos resultados do 1.º período. Com efeito, os resultados mostram também a tendência de concentração da nuvem de perfis de alunos *Fénix* acima da nuvem dos alunos *Não Fénix* e ocupando em maior número os quadrantes um e três, o que sugere a existência de uma maior evolução daqueles alunos (*Fénix*) em termos de desempenho académico ao longo do ano letivo. Dos 30 perfis *Fénix*, nove distribuem-se pelo 2.º quadrante e apenas um pelo 4.º quadrante, enquanto no grupo de perfis *Não Fénix*, somente quatro unidades de observação (perfis) estão fora dos quadrantes ímpares, contudo, nenhuma delas no 2.º quadrante. O facto de cerca de um terço dos perfis de alunos *Fénix* se posicionarem no 2.º quadrante é revelador do salto significativo que, em termos de posição relativa, os alunos *Fénix* destes perfis conseguiram realizar entre o 1.º período e o final do ano letivo. Esta constatação resulta ainda mais reforçada, com a análise da configuração dos perfis, verificando-se que os alunos que os integram são maioritariamente alunos com apoio social escolar e cujos pais possuem graus de escolaridades relativamente baixos. Continuando esta linha de análise, constata-se que no caso dos grupos *Não Fénix*, só, praticamente, os perfis de alunos com capital escolar familiar ao nível do 12.º ano e da licenciatura ou mais exibem médias de resultados acima da média da amostra geral nas provas finais externas e também no 1.º período. De algum modo, tal constatação leva-nos a admitir que, para o grupo de perfis *Não Fénix*, as lógicas de dominância cultural e social parecem continuar a sobrepôr-se às dinâmicas

educativas, a tal ponto que, ser proveniente de famílias não carenciadas economicamente e com elevado capital escolar parece constituir uma forte garantia para um maior sucesso académico. A distribuição, quase em exclusivo, dos perfis *Não Fénix* pelos quadrantes ímpares e o contraste entre os elementos categoriais desses perfis confirmam que a estrutura de composição dos perfis do 3.º quadrante está em oposição à estrutura de composição dos perfis de alunos *Não Fénix* posicionados no 1.º quadrante, prevalecendo neste último – correspondente a desempenhos académicos inferiores às médias da avaliação interna do 1.º período e da avaliação externa no final do 3.º período –, perfis de alunos apoiados pela ação social escolar e cujos pais têm baixa escolaridade, ao contrário do 1.º quadrante, correspondente a desempenhos académicos superiores às médias, quer do 1.º período, quer dos exames finais de ciclo e que são, de um modo geral, compostos por alunos não carenciados e com elevado capital escolar familiar. No caso dos perfis de alunos *Fénix*, as posições relativas no diagrama de dispersão, com a repartição de cerca de um terço dos perfis pelos quadrantes um, dois e três, denunciam, de algum modo, uma espécie de rombo nas lógicas escolares de dominância sociocultural e sugerem que o modelo *Fénix* e as dinâmicas educativas por ele geradas contribuirão para quebrar, pelo menos parcialmente, pré-determinismos e fatalismos escolares contextuais.

Ainda de acordo com o estudo de avaliação de impacto, demonstra-se que os alunos sob intervenção direta no 5.º e 9.º anos (público abrangido pelo estudo coordenado por Joaquim Azevedo, 2014) evidenciavam menor probabilidade de sucesso, em função do seu histórico, desempenho e características contextuais, todavia, pelo grau de rigor na identificação e encaminhamento destes alunos para o ninho, onde de facto beneficiam de uma dinâmica organizacional intensiva de apoio à aprendizagem e desenvolvimento, acabaria por contribuir para contrariar a elevada margem de risco e impulsionar melhorias escolares significativas nos alunos.

Complementando a análise através do recurso à projeção gráfica dos traçados-silhueta dos perfis separadamente para as disciplinas de Português e de Matemática, organizados numa sequência conjugada do masculino para o feminino, da baixa escolaridade para a elevada escolaridade dos pais e da situação de carência económica para a de não carência, constata-se que os desnivelamentos de traçado entre a avaliação interna e a avaliação externa são globalmente mais acentuados no grupo de perfis *Não Fénix* do que no grupo de perfis *Fénix*, evidenciando, assim, a existência de um maior afastamento negativo em ambas as disciplinas no grupo de alunos *Não Fénix* entre os resultados da prova externa de final de ciclo e a avaliação interna atribuída no 1.º período (Figuras 3 e 4).

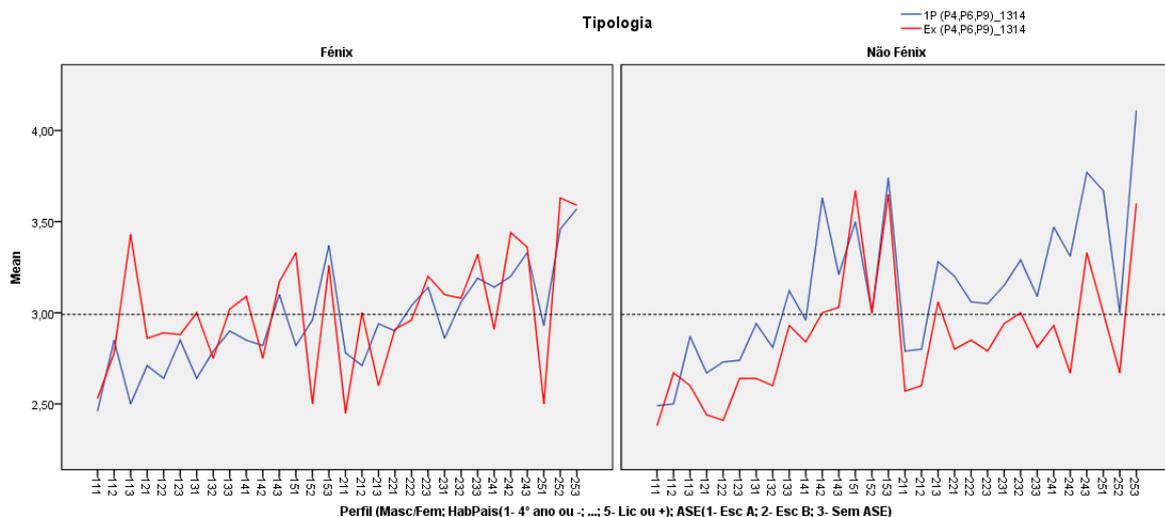


Figura 3: Evolução dos resultados académicos na disciplina de Português por perfil

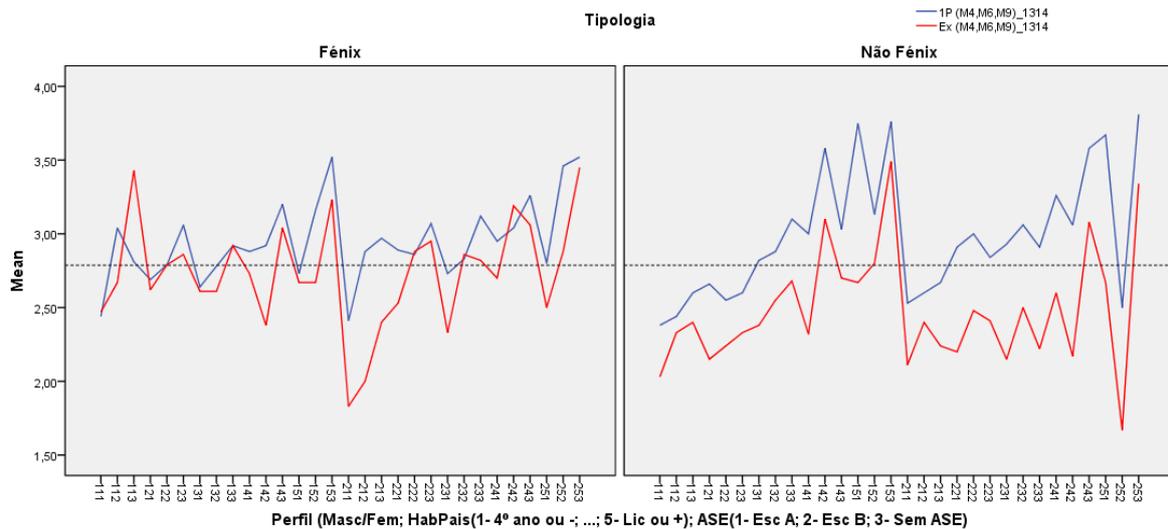


Figura 4: Evolução dos resultados académicos na disciplina de Matemática por perfil

Apesar da configuração dos traçados nos dois momentos ser semelhante, quer em Português quer em Matemática, e os resultados de exame serem, de um modo geral, inferiores aos resultados da avaliação interna, no grupo de alunos *Fénix*, em vários perfis, e em especial na disciplina de Português, os resultados da avaliação externa superaram os da avaliação interna no 1.º período, tendo-se registado, por conseguinte, uma evolução positiva da avaliação interna para a avaliação externa no final do ano letivo, ao contrário do que ocorreu no grupo de perfis *Não Fénix*, em que somente em dois perfis, e na disciplina de Português, tal situação se verificou. Por outro lado, parece desenhar-se um padrão de traçado tendencialmente mais na horizontal para o grupo de alunos *Fénix* e mais na oblíqua de configuração repetida na transição do perfil 153 para o perfil 211 para o grupo *Não Fénix*, cuja interpretação desoculta de novo asserções (hipotéticas) de a qualidade do desempenho académico ser uma resultante da conjugação harmonizada na escola de estruturas de dominância cultural e social e de lógicas de cariz estrutural-societal e em que perante os resultados obtidos nos 60 perfis de alunos analisados, os alunos *Não Fénix* estão mais expostos e vulneráveis a efeitos de contexto e, em particular, do contexto sociocultural familiar de proveniência.

A concluir, e na sequência de novos dados do estudo de avaliação dos modelos Mais Sucesso (Verdasca, 2015)², abrangendo uma amostra de 1579 alunos dos 4.º, 6.º e 9.º anos de escolaridade, distribuídos por várias escolas das regiões do continente, foi possível apurar a magnitude de efeito, tipo *d*, enquanto medida da diferença entre médias em termos de unidades de desvio-padrão (Conboy, 2003)³ e que pode ser interpretada como a quantificação padronizada do incremento ou melhoria observado devido à intervenção – *Fénix*. Com efeito, os resultados obtidos sugerem a existência de um incremento de melhoria que, de acordo com a escala de Cohen (1988), é classificado de ‘grande’, uma vez que os valores obtidos superam 0,8 ($d=1,10$ e $d=0,99$, respetivamente para o Português e para a Matemática), ou seja, podendo esperar-se que em condições organizacionais escolares ecologicamente semelhantes, aproximadamente entre 84% a 89% dos perfis de alunos *Fénix* superarão na evolução dos seus resultados académicos os perfis de alunos *Não Fénix*."

² Verdasca, J. (2015). Impacto dos modelos *Fénix* e *TurmaMais* no desempenho académico dos alunos: Análises complementares ao estudo de avaliação dos modelos Mais Sucesso Escolar. Évora: CIEP-UE (polic.).

³ Conboy, J. (2003). Algumas medidas típicas univariadas da magnitude do efeito. *Análise Psicológica*, 2 (XXI): 145-158.